

O COMBOIO EM PORTUGAL

Departamento de Informática
Universidade do Minho
Campus de Gualtar
4710-057 BRAGA
Telefone: 253.604457
Fax: 253.604471

<http://ocomboio.net>

150ANOS - 003 "RONDA À LINHA - RETALHOS DA VIDA CARRILANA - II"



150 Anos

de Caminho de Ferro Público
em Portugal

"Ronda à Linha -
Retalhos da Vida Carrilana"
Páginas 07 a 17

Compilação de António Pereira Soldado,
1952.

(Editora desconhecida)

Edição de textos de Daniel Nogueira.
Edição online de Dario Silva.
Publicado em Maio de 2006.



“POR AQUI COMEÇA A RONDA

RESPIGOS DO DIÁRIO DE UM FACTOR-TROPA

- Podia fazer o favor de se levantar?

Este pedido feito por voz de timbre extremamente delicado, era dirigido a um militar estendido a todo o pano em compartimento de segunda classe - carruagem atrelada ao velho comboio 15 que ia partir da estação de Lisboa Rossio.

Se o leitor dá licença ele conta:

Por obra e graça da edibilidade local, quando num gesto de louvável bairrismo colocou a disposição do Estado edifício de antigo hospital, depois de seus beneméritos serviços serem transferidos para construção de mais amplos horizontes - filantrópica obra dum ilustre tirsense - a 2ª Companhia do Batalhão de Sapadores de Caminho de Ferro, ficou instalada na ridente e hospitaleira Vila de Santo Tirso, em fins de 1919.

É pena que a minha pena não saiba descrever o romântico ambiente e o elevado grau de civismo que reinou entre a tropa e a população de Santo Tirso- «linda

princesa do Ave. Dos poetas madrigal» como se canta no seu hino - durante os primeiros anos da sua ocupação militar - aqueles a que me foi dado assistir.

A tropa, desde o recruta aos distintos Oficiais dirigentes do aquartelamento sentiam-se ali como peixe na água e Santo Tirso, orgulhava-se da sua tropa a base de geométrico alinhamento e mútuo respeito.

É tempo de aproximar o leitor dos carris. Como noutro lugar foi dito, na Ronda só cabem assuntos que fiquem à vista da alma carrilana.

Disfarçou-se a curva. Vamos entrar na recta. Agora conto eu:

A fazer parte da guarda avançada do grupo inaugural do novo quartel saiu da séde do Batalhão em Lisboa, um sargento, factor na vida civil - cá estão os carris à vista.

Pouco tempo depois o factor era conhecido entre os soldados por «nosso sargento R. D. E.»

Para quem não foi militar explica-se: o

Regulamento Disciplinar do Exército, era ao tempo designado na Ordem, por aquelas iniciais. Enquanto os seus colegas as traduziam com todas as letras o factor-sargento afeito às abreviaturas ferroviárias limitava-se a um bem soante «R. D. E.» quando a ler a Ordem aos soldados lhe passavam pela vista artigos daquele Regulamento, a premiar algum componente da Unidade.

O soldadinho-matuto, sentinela vigilante dos pontos e vírgulas dos seus superiores, não achava graça nenhuma ao Regulamento, mas achou-a na maneira como o seu «2.º» cantava o «R. D. E.» e entre si passou a não o conhecer por outro nome.

Conta o diário que o sargento se deslocava frequentes vezes a Lisboa, a ocupar-se na séde do Batalhão de assuntos de serviço.

Hoje, como há trinta e tantos anos de certas viagens não merece a pena falar. Nada têm de extraordinário. Porém, aquela que o sargento registou em 1919 é das que a Ronda resolveu incluir no programa.

Se para tanto tiver paciência faça-se rondista e ... vamos andando - prezado leitor.

Como todo o ferroviário que se preza (excepto em serviço) o nosso sargento não tinha receio nem dificuldade em dormir no comboio tal como o fazia no fôfo leito lá do quartel. Dessa vez, a viagem no «8» foi penosa. A afluência de passageiros e a influente tagarelice de umas tantas Senhoras companheiras de viagem não o deixaram pregar olho no percurso Porto-Lisboa.

A ordem era regressar no «15» do mesmo dia. Cumprida a missão que o levou à capital, acautelados o melhor possível uns tantos milhares de escudos que levava para manutenção da tropa em Santo Tirso, fez-se adiantado para o comboio, e tão depressa a composição se pôs apta a receber passageiros hospedou-se ao comprido num compartimento de segunda classe, tendo o cuidado de pôr O Mundo (jornal do dia) debaixo dos pés, disposto a manter o espaço vital do sono ate ao Porto, alvejando a compensação da má hospedagem no «8».

Não seria caso inédito.

Em igual viagem efectuada meses antes havia passado por regressar do C. E. P. e amavelmente conservado em descanso em atenção aos sacrifícios que passou na guerra!...

Porém, nesse dia, ou antes, nessa noite, ainda o João Pestana não tinha rendido a guarda eis o nosso sargento a sentir-se abanado por mão de senhora a confirmar o pedido com que abrimos este modesto trabalho.

Tratava-se de uma passageira a querer instalar-se com umas tantas pessoas da sua comitiva, e tal série de volumes que para conveniente arrumação só faltou pôr alguns dentro das polainas do militar.

Ao tempo o pedido de uma senhora ainda era uma Ordem. O tropa não teve dificuldade em levantar os pés do Mundo, executar um perfilado erguer de alvorada, para em dois tempos se instalar junto da janela lado direito com os planos modificados, e certo, mas cantando meia vitória pela conquista do cobiçado lugar.

De relance viu que da comitiva fazia parte simpática sopeirinha - de momento

ocupada na arrumação das bagagens. Deu largas ao espírito de bem-fazer e debaixo de impertinentes chuvadas de: «cuidado com a mala que machuca o pacote». «Cuidado com o pacote que machuca a caixa», ajudou a serva a desempenhar o melhor possível a sua missão. Até facilitou que debaixo das suas pernas se acomodasse volumoso fardo.

A este geito correspondeu um delicado «muito obrigada» da passageira chefe do grupo.

Talvez sensibilizado pela delicadeza, resolveu sacrificar um pouco da sua comodidade e espalmou-se de encontro ao taipal da carruagem com elucidativa olhadela à sopeira como a dizer: Sentai-vos aqui.

Estratégia inútil. A pequena, depois de receber grande carga de recomendações a dividir entre si e uma companheira que a esperava na gare guardando uns tantos volumes, retirou, visivelmente contrariada, para a terceira classe.

O sargento anotou mais esta infelicidade na viagem e disposto a não fazer sacrifícios retirou posse dos quarenta e cinco

centímetros de banco que o regulamento lhe destinou.

Escoltados pela matemática de contarem os lugares ocupados e por ocupar, foram aparecendo outros passageiros que se resignavam a procurar outro compartimento.

A carruagem ainda não tinha corredor - segundo anotação do militar, no seu diário.

Já na plataforma se batiam portas se anunciava: «par...tida p'ró Porto» quando apareceu uma senhora quarentona, tipo cem quilos bem pesados, a forçar a entrada ali. Protestos e mais protestos dos civis. Só o «R. D. E.», como militar que era, deu o exemplo de sacrifício e espalmouse novamente para a direita a estabelecer racionamento do banco. Ao primeiro embate sentiu-se quase esmagado de encontro ao madeiramento da carruagem.

Aproveitou ao máximo a firmeza estrutural do veículo para em relação ao lado esquerdo seguir o estúpido tema: «onde achares mole carrega». As oito arrobas que lhe caíram ao lado eram um tanto

ou quando flácidas e o militar carregou. À entrada no túnel já havia retomado noventa e nove por cento do seu primitivo lugar.

O costumado ambiente no subterrâneo. Senhoras de leques abertos atirando a outros o que não queriam para si. Quando a máquina se fez ouvir num silvo prolongado a saudar Campolide, e, em repenique especial, - já conhecido lá em casa - o maquinista a dizer adeus à família, o militar abriu a janela para o compartimento receber uma vassourada de ar puro.

Sol de pouca dura. Ainda não tinha poucado o puxador, quando o manobrou em sentido contrário a pedido da passageira sua vizinha no banco fronteiro. Depois de sair do fornalhento ambiente a aragem sabia bem, mas... a cadelinha comodamente instalada no regaço da senhora teve um arrepio de frio e por focinhentos sinais transmitiu à dona o pedido de fechar a janela.

A caminho dos Olivais, com a entrada do revisor pôde o sargento tirar a prova real da sorte que o esperava nas dez horas de viagem a rodarem a sua frente.

Todo o compartimento se destinava ao Porto, a exceção do cavalheiro instalado ao canto lado esquerdo. Das informações pedidas ao revisor deduziu que este passageiro seguia para a Beira Alta, com mudança na Pampilhosa.

- «Do mal o menos - pensou. Dali em diante a afluência é habitualmente menor, e eu poderei inclinar-me a trinta graus para o lado direito a passar pelas brazas».

Por ter ousado descobrir que uma criança de nove anos de idade a viajar com meio bilhete havia completado doze no percurso Lisboa-Olivais, o revisor foi seriamente fustigado de flanco. Até a «lulua»? ... aderiu à revolta fazendo-se ouvir com frenéticos latidos entrincheirada no cola da dona.

O militar não se esqueceu da sua profissão civil. O camarada revisor estava dentro da razão. Cumprindo um dever, tomou a sua defesa.

A mola sensível do brio profissional aliado ao da farda que vestia foi fortemente calcada. Da reacção nasceu a luz do bom senso e a batalha terminou com honra

para o agente da fiscalização. Uma pincelada de diplomacia serenou os ânimos e o tratado de paz foi prontamente assinado sem manobras no apeadeiro do armistício.

Momentos depois, todo o compartimento se lamentava de não conseguir dormir no comboio. Só o tropa, aliviando discretamente o ombro esquerdo sobre-carregado de momento por respeitável fração dos cem quilos - resultado da perna baixa da curva ficar do seu lado - se confessou capaz de dormir no cabeçote da máquina quanto mais ali tão bem amparado.

Com o andar da carruagem, a conversa generalizou-se especialmente entre as senhoras, a espaços comparticipada pelo cavalheiro da outra extremidade do banco. O militar por índole não era comunicativo. Por cálculo sabia-lhe bem ouvir muito, e dizer pouco.

Ao tempo, e em resultado das dificuldades criadas pela Grande Guerra número 1 (1914-18) o material ferroviário sofreu bastante atraso na sua modernização. A carruagem séde da viagem do factor das três divisas era uma «bota de elástico»

tipo século dezanove. A tentar democratizar-se, e acompanhar as marchas forçadas do século vinte, dava excessiva confiança à ressonância dos carris. Estes, com o concurso da ventania ribatejana ao ritmo dos trinados da garganta da sua poética lezíria, faziam-se ouvir num choradinho que só não comovia as empedernidas chulipas por familiarizadas ao máximo com a dolente canção.

Do seu posto de sentinela, pala do boné a descair sobre os olhos em descanso, orêlhas em posição de sentido, o militar só captava as ondas mais compridas das conversas femininas.

Ponta aqui ponta ali, de aproveitável alinhavou para seu governo o preço corrente no mercado nacional e estrangeiro das entrevistas que certos fininhos cedem às fininhas da sua raça. Ao tempo já era a fortuna de uma família remediada, e nem sempre os resultados correspondiam ao dinheiro gasto.

Por aqui ficariam os conhecimentos do militar sobre tão transcendente assunto, se providencialmente a paragem em Santarém não viesse em auxílio dos seus ouvidos.

Enquanto a máquina tomou água capotou ele sem esforço auditivo o relato de um caso tão sério que só por milagre não provocou complicações internacionais!...

Ei-lo:

No ano anterior, isto é, após o armistício que adiou a guerra, esta senhora foi a França, a título de ver o rescaldo da humana selvajaria. Mas ... o fim principal foi levar a sua cadelinha a entrevistar-se em Paris com um lulu de rara beleza e puro sangue - como se dizia no anúncio.

Gastou um par de contos além do preço tabelado para conseguir colocar a sua fininha em boa altura de ser atendida, com vista a demorar-se o menos tempo possível naquele país - para afinal o resultado ser extraordinariamente estúpido.

Reles e degenerados podengos que custaram a vida à pobre fininha, quem sabe se por desgosto.

- «A minha cadelinha era muito inteligente. Parecia adivinhar o resultado. Lia-

se-lhe nos olhos grande contrariedade como a dizer que só aceitava a entrevista para me fazer a vontade».

E num lamento em dó maior: «Fiei-me no reclame» ...

- «Tivesse eu um marido às direitas que o caso havia de ser falado nos tribunais. Mas...

- «?

- «Coitado! Se uma vespa lhe férra não a persegue só para não ter a massada de lhe pedir desculpa!»

Já os rodados da carruagem variando de tom arrancavam dos carris as notas dum corridinho, quando a senhora gorda adida ao sargento abriu a lata de conserva do seu sarcástico semblante e perguntou:

- «V. Ex.a tinha muita confiança na sua cadelinha?».

- «Absoluta, minha senhora».

E metendo a foice na árvore geneológica da falecida fininha com extrema facilidade

de o nome dos seus troncos até às mais reconditas raízes, para provar que se tratava de um animal de sangue puro - incapaz de gerar abortos como aqueles.

Quanto ao lado moral - aquele a que a gorducha certamente se queria referir - podia também atestá-lo. A cadelinha era sua inseparável. Acompanhava-a para toda a parte. Só um dia, pouco antes de partir para França, a deixou ir à praça com uma criada da máxima confiança para o animal distrair um pouco. Esclareceu: «isto por eu ter ficado uns dias de cama em resultado da enorme massada com os preparativos da viagem».

Ainda a queixosa não tinha concluído a defesa da *fininha* quando a cadela companheira de viagem, a jogar na almofada (onde já havia feito chi-chi) as escondidas com o revisor se levantou de repente, e qual féra em miniatura investiu raivosamente com a vizinha do sargento como a pedir-lhe contas da maliciosa pergunta, a pôr em dúvida a reputação da sua parente - segundo o reláto há pouco feito.

Coincidência? Subtil instinto animal?

Uma coisa e outra.

Na opinião do tropa, a cadelinha logo de entrada tomou a senhora gorda como indesejável. Quando no Rossio, a dona protestou contra a entrada daquela passageira o animal também aderiu ao protesto. Calou-se, aninhou-se, mas olhou-a sempre com olhos de cobra mal morta...

Se não gostou da figura, mais embirrou com a «cor!...» da fala e daí a revolta que pôs o compartimento em estado de sítio.

Serenados os risos e os picarescos comentários que a simpática companheira de quatro pés provocou, o passageiro guia esquerdo do grupo com receio de sair na Pampilhosa, sem deixar a sua personalidade ligada à viagem puxou de volumosa pasta de onde tirou um livro que desfolhou à sorte, como a provocar a curiosidade da vizinhança.

Dirigindo-se às senhoras evocou a circunstância de Suas Excelências não poderem dormir no comboio, e pediu licença para as entreter com a leitura do seu livro. Era o autor e levava ali os primeiros exemplares saídos do prelo.

As senhoras foram bastantes amáveis. Prontificaram-se a ter ouvidos dos pés à cabeça. Até propuzeram a troca de lugares para o homenzinho ficar ao centro do compartimento, de modo a irradiar em pé de igualdade o seu benefício para todos.

Mais uma coincidência: A cadelinha prevendo o perigo de ser caçada pelo revisor a dormir na almofada saltou lampeira para o regaço da dona e daquele varadim deu incondicional apoio com significativos movimentos do minúsculo focinho.

Só o sargento e a montanha que o sombreava se abstiveram de votar.

Por alturas de Vale de Figueira, a leitura principiou.

A partir da característica trepidação da carruagem a pisar as agulhas de Torres Novas, o tropa começou a sentir a espaços regulares como obedecendo à lei do pêndulo, fortes pancadas no ombro esquerdo. Quando a máquina anunciou: «Entroncamento à vista», o crâneo da sua vizinha, com todas as aderências,

caiu mudo e quedo sobre a sua farda. Esta ia vestida!...

O sargento lembrou-se de certo artigo do regulamento, que manda o militar ser generoso para com o inimigo quando este se entrega sem condições, e ... não tugiou nem mugiu. Levou o sacrifício ao ponto de se privar do acostumado café na Cantina daquela estação, sempre que por ali passava acordado.

Dessa vez ia bem acordado, mas melhor amassado.

Ao tempo a luz eléctrica nos comboios estava na fase da experiência. A demorada paragem deixou os passageiros às escuras. Como não podia deixar de ser, o escritor - percursor de algum rondista - interrompeu a leitura e começou a comentar as passagens mais salientes do seu trabalho.

Quando o comboio se pôs em marcha ainda o maquinista não tinha dito ao que ia - silvando a direcção a seguir - já ele estava a pedir novamente licença para continuar.

Sempre a generosidade da farda. Desta

vez foi o sargento quem o aconselhou a não ler mais.

As senhoras já todas dormiam a sono solto e ele, militar, não tinha o direito de sacrificar o seu companheiro de viagem, obrigando-o ao penoso esforço de saltar com a voz por cima da ressonância carrilana para a levar ao canto do compartimento.

- «Descanse. Adormeça se for capaz, eu em Pampilhosa o chamarei».

Esta ordem rude e seca dada pelo militar tomou-a o homem do livro como indiscutível ultimato, e cumpriu à risca.

O compartimento caiu em profundo silêncio para todos, menos para o sargento. O seu ouvido esquerdo aparou abnegadamente o ressonar da parteira - ao tempo já se sabia a profissão do peso morto a moer as banhas do tropa - qual alto-falante em plena via pública.

O militar não podia fugir à responsabilidade de chamar o beirão na Pampilhosa.

Achou mais prático sacudi-lo.

Para o chamar ia acordar todo o compartimento. Fez mil e uma acrobacias, mas lá conseguiu tocar-lhe num braço.

Já se anunciava pela terceira vez: Pam-pi...lhosa demora quinze minutos. Quem vai p'rá Beira Alta mu...da de com...boio, quando o homenzinho se levantou atarantado. Atirou o corpo porta fora e, para dentro do compartimento, um sonolento: Boa viagem. Dois passos andados recuperou ânimo por efeitos do fresco da noite e voltou atrás para agradecer ao sargento a amabilidade de ser tão bom despertador.

- Agradecido sou eu, meu caro senhor.

O outro manifestou vontade de se despedir das senhoras.

- Tenha paciência, não estrague o que fez - atalhou o militar. Deixe-me colher o fruto da sua obra. Quando as senhoras acordarem lhes apresentarei os seus respeitos. Boa viagem e que o seu livro continue com o sucesso desta noite!...

Aproximavam-se de Espinho, quando talvez por efeito do marulho oceânico as senhoras foram acordando, agora uma,

logo outra, e depois de disfarçado espreguiçar, relanciavam a vista a indagar se o homenzinho - cura insónias, ainda se mantinha no mesmo lugar. Notando a falta, todas perguntaram se ele havia acabado de ler o livro.

A senhora da cadelinha abriu a mala de mão e procurando algo que depois se verificou ser um pente, foi dizendo com malicioso sorriso, como falando para alguém que estivesse dentro da mala:

- «Coitado do homem foi-se embora sem eu lhe agradecer o benefício de aprender a dormir no comboio. Coisa que nunca consegui na minha vida».

E, enfrentando o olhar do sargento:

- «O senhor, que foi o único a confessar-se capaz de dormir, foi também o único a suportar heroicamente a leitura da obra».

Não foi bem assim, mas ... o tropa armou em vítima.

- «Além de militar, sou ferroviário, minha senhora. O espírito de sacrifício é atribuído em qualquer das profissões».

A parteira, desde Torres Novas, não fez mais do que imitar desafinado trombone, a ressonar sobre o ombro do sargento. Não lhe passou, porém, despercebido o termo sacrifício, e, cabelos em desalinho, sonambulesca atitude, deu um ar da sua graça parteiral:

- «Se me dá licença, consérto o travesseiro».

E aliando o gesto à palavra, esticou as três divisas do militar a repô-las na base geométrica em que as encontrou quando lhe caiu em cima.

Eram horas de fugir ao asfíxiante ambiente do compartimento.

Por alturas da Granja, o militar - único passageiro masculino do rolante enjaulamento - não teve dúvidas em perceber que era ali indesejável para as senhoras procederem à sua toilette - embora rudimentar.

Como já se disse, a carruagem não tinha corredor para onde o sargento pudesse sair e deixar o género feminino à vontade.

Resolveu o problema, aliando o útil para si, ao agradável para as senhoras. Indagou, com mal disfarçada ironia, se o ar do mar, fazia mal à cachorrinha, e sem esperar resposta virou as costas às senhoras, deixando-as à vontade. Abriu a janela lado esquerdo, onde se conservou de pé na posição de sentido em sinal de respeito pela requintada beleza do trecho marítimo que o comboio na sua marcha ia desenrolando. E - o que era mais importante - respirar a fundo a benéfica e reconfortante brisa iodada.

Já o corpo sentia insufismáveis efeitos do saudável ambiente, quando a alma lhe caiu aos pés amarfanhada e oprimida por tenaz pesadêlo.

Subúrbios do Porto: A alvorada anunciou um dia primaveril; o sol confirmava-o com todo o esplendor e já impunha os seus direitos sobre a doentia neblina do rio Douro, como a dizer-lhe: «O sol quando nasce é para todos», quando o sargento, olhando à esquerda, viu um par de criancinhas rotas, maltrapilhas, e com certeza esfomeadas, a rebuscarem em caixotes de lixo expostos às portas - esperando conveniente remoção - qualquer coisa que levavam sofregamente à

boca, talvez algum bocado de brôa, pão bolorento, ou ... conspurcado Deus sabe se por algum cão. Olhando à direita para o interior do compartimento, sem indagar se já o podia fazer, viu a cachorrinha companheira de viagem a banquetear-se com apetitosas bolachas, dedicada e delicadamente servidas na afidalgada palma da mão da sua dona! ...

Sentou-se como atordoado.

A lembrar-se do aforismo «o seguro morreu de velho», entrou na Ponte D. Maria, de cotovelo fincado no joelho a alçapremar a mão que lhe resguardava os olhos, enquanto estes se mantinham em ligação directa, via espiritual, com a Divina Providência.

Pediu para as pobres criancinhas protecção igual à que disfrutava a cadela, e muitos anos de vida e saúde para aquela excepcional obra de arte.

Quando a máquina silvou mais uma travessia feliz o militar tentou abrir a janela lado direito, para agradecer ao sol as suas boas intenções e recomendar-lhe as crianças que lá ficaram atrás a remexer no lixo. Porém, a janela talvez arrelia-

da por desde Campolide não lhe ligarem importância, fez render o peixe e a caruagem entrou no túnel contíguo à ponte, sem o militar dirigir a sua mensagem ao astro rei. Nada melhor para iluminar pensamentos do que a escuridão.

Na obscuridade do subterrâneo pensou: Se da superfície da terra a voz de burro não chega ao céu, como poderei fazer-me ouvir debaixo dela? ...

Já não via as crianças. Eis o que interessava!...

Afivelou melhor o cinturão. Deu uma esticadela à farda, passou a mão à laia de pente pela desalinhada gaforina e enfiou o boné quando na gare já se anunciava: Campanhã. Quem vai p'ró Minho e Douro, mu...da de com...bo...io.

O grosso do compartimento dirigia-se a Porto-S.Bento. As senhoras foram particularmente amáveis na despedida, agradecendo ao militar a excelente companhia da noite. Ao contrário do que esperava, a parteira não foi das mais expansivas. Limitou-se à oferta do seu cartão de visita, e, na morada indicada, todos os préstimos, em especial os pro-

fissionais, acentuou ela maliciosamente.

- Sou solteiro, minha senhora.

- Talvez por isso mesmo - respondeu a gorducha com forte entoação de sentido prático da vida. - É que eu também sou enfermeira.

- Que pena não saber isso há mais tempo, minha senhora.

- ?!...

- Não desembarcava sem V. Ex.a levantar o meu ombro esquerdo ao nível do direito.

Por hábito, e nesse dia mais justificado, atendendo às condições da viagem, o tropa tomou no restaurante de Campanhã o seu pequeno almoço.

O tempo que sobrou esperando o comboio do Minho, foi aproveitado para abrir a golpes de lápis os alicerces destas descoloridas notas.

Na etape Campanhã-Santo Tirso, deu balanço às despesas da viagem. Na rubrica «perdas e danos» lançou as horas de descanso que voaram, e no haver tudo quanto aprendeu.

Em desgrudado escaninho da memória, encontrou sem atinar com a paternidade aquele velho conceito: «As viagens são fonte de educação dos povos». Da educação?... É duvidoso. De instrução, com certeza. Haja em vista a aprendizagem nesta viagem.

À ida no «8» além de outros problemas de reduzida transcendência, ficou a saber a técnica de afivelar espartilhos sem o impertinente auxílio das criadas. À volta, no «15», principiou por aprender que é preferível morrer uma dúzia de passageiros asfixiados, do que constipar-se um cão.

Passando pela fórmula de adormecer no comboio, acabou por receber aproveitáveis lições de parteira. Resultado: saldo positivamente animador.

Se o leitor dá licença, a «Ronda» descarriada por um bocado e vai ali ao quartel com o sargento.

A subir os quatro degraus de acesso ao pequeno jardim fronteiro à entrada principal, do edifício ouviu a sentinela na sua pronúncia genuinamente beirã bradar para dentro da casa da guarda: «Alegrai-

vos, rapazes! ... Lá vem o nosso sargento R. D. E. com massa p'ró nosso pré!...

A alcunha não o molestava. Só o Regulamento tinha razão para se queixar.

Fez-se surdo e correspondeu normalmente à saudação do soldado, sem lhe dar a confiança de achar graça à sua disfarçada graxinha.

Momentos depois, o seu quarto - aposento ligado à Secretaria da Unidade - era teatro de uma grande revolução; (vai pela cópia, da nossa autoria, chamar-lhe-íamos bestial) de carácter tão futurista que a trinta e três anos de distância ainda veio importunar o leitor.

Reportagem do caso: Antes de seguir para Lisboa, o sargento deu uma sessão de instrução aos recrutas e deixou a sua «carapochet» de baioneta calada junto da cabeceira. Tão calada ficou que o facha (patrão fora dia santo na loja) não deu por ela, e quando regressou ainda se conservava muda e queda na mesma posição, a manter na ordem alguns minúsculos e importunos parasitas revoltados pelo jejum de duas noites. Tantas, quantas o sargento passou nas carruagens.

Da parte da espingarda houve um certo gesto de delicadeza para cumprimentar o seu protector à chegada; mas de tal maneira se movimentou a resvalar parede fóra que arrastou na queda - fazendo-o em estilhaços - pacífico espelho de certo valor estimativo a impecilhar-lhe a trajectória.

À vista do cadáver do seu rico espelho, o sargento fez explodir detonante cartucho a ecoar por toda a Secretaria: «Estás no teu papel. Só serves para destruir».

O 1º sargento, da sua mesa de trabalho, deu conta do que se passava no quarto do seu braço direito - como discretamente tratava o R. D. E. Assomou à porta do aposento e a revolta foi prontamente dominada.

O 1º partiu o estribilho ao meio e daí para o futuro, enquanto não saiu da ordem do dia, o 2º via-se constantemente metralhado com um: «Só serves para destruir».

Há poucos anos, o chefe de certa estação dava a partida ao comboio correio, quando viu em carruagem de classe superior um braço estendido a fazer-lhe sinal de

avançar para a rectaguarda.

Deixou de andar para correr, mas o comboio seguiu-lhe o exemplo, e quando chegou ao ponto de cruzamento mal teve tempo de ver agarrado ao agitado braço, o corpo do seu antigo 1º sargento, emoldurado por respeitável friso de cabelos brancos.

Apertos de mão naquela altura era impossível, salvo se o chefe se desse ao desporto de seguir o comboio de rastos.

Simple toque de mãos espalmadas a lembrar ainda respeitosa continência, uns tantos gestos de significativa alegria, mais umas tantas exclamações de cumprimento e eis que aos pés do chefe cai um pequeno e bem dobradinho papel.

Apanhá-lo nessa altura era perder a oportunidade de fazer mais um adeus a um velho amigo. Pé em cima do papelinho a protegê-lo contra as ambições do vento, e acompanhar o desfile do comboio até ver a placa da cauda e a simpática figura do velho capitão reformado desaparecer na curva próxima, foi a resolução do momento.

Entretanto, o factor postou-se de atalaia, e por delicadeza ou ... curiosidade, não deixou o chefe baixar-se. Pé fora, e a mão do factor em cima do papelinho.

«Só serves para destruir», eis a frase ali escrita em caligrafia ainda conhecida embora a registar gràficamente a trepidação do comboio.

Na maré alta do contentamento por aquela rolante visita e o papelito a provar-lhe que trinta anos de ausência não haviam desfeito os vincos de uns tantos anos de sã camaradagem, o chefe saiu momentâneamente da sua habitual reserva para explicar o significado do bilhetinho, não fossem os seus subordinados julgarem-se sob as ordens de algum antigo facínora.

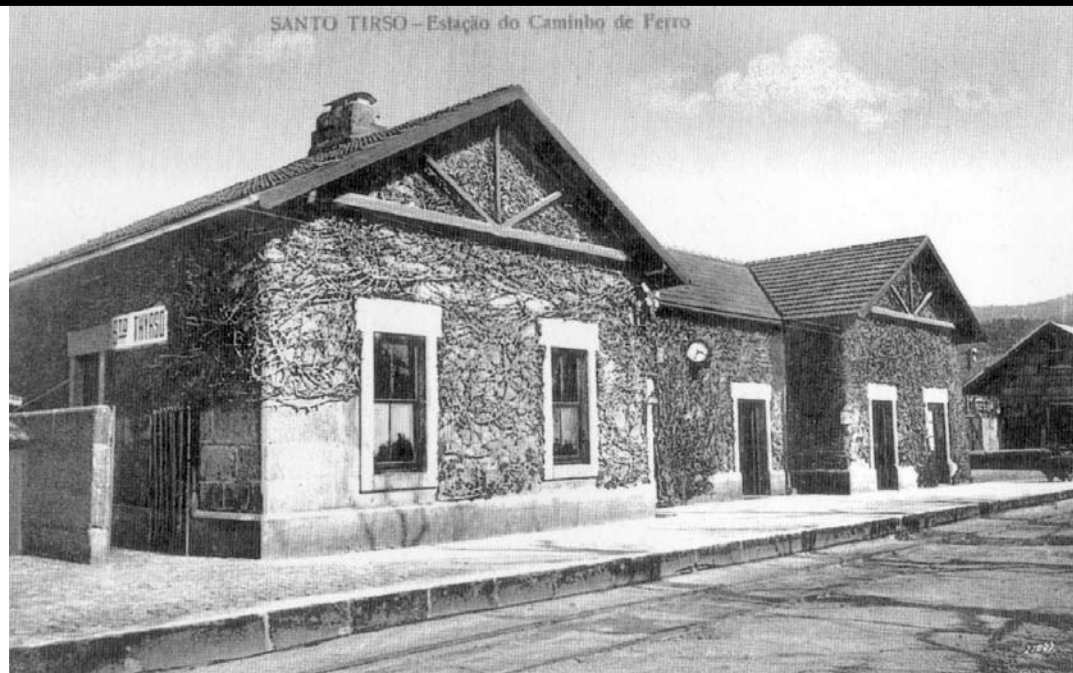
A certa altura, com um «esperem que eu já venho», subiu aos pares os degraus da sua residência - tal como o teria feito trinta anos antes - e ei-lo de volta com recheada pasta de onde respigou certa fracção do carregamento manuscrito à-lá-minuta a formar partitura, com muitas fusas e semi-fusas.

- Você que anda a catar coisas para a «Ronda à Linha» - ou lá o que é isso - veja se daí respiga coisa que se aproveite.

Ainda lhe pedimos para descongestionar mais a pasta a dar-lhe um ar de elegância, mas o momento psicológico havia passado. Pasta e dono fugiram escada acima, desta vez ... a contar os degraus um a um.

Deus sabe quando passará outro braço estendido.

PEREIRA SOLDADO”



A antiga estação de via estreita de “Santo Thyrso”, data desconhecida.
In “Estações de Caminho de Ferro Através do Bilhete Postal,
Ecosoluções, Consultores Associados Lda., Lisboa, 2000.